

Aspectos Gerais do Ensino Técnico Profissionalizante de Design Gráfico

Maria Beatriz Saraiva Dinelli (*)

Actas de Diseño (2024, julio),
Vol. 46, pp. 132-136. ISSN 1850-2032.
Fecha de recepción: julio 2021
Fecha de aceptación: mayo 2023
Versión final: julio 2024

Resumo: Com base em um estudo de reconhecimento sobre o ensino de design gráfico em escolas técnicas em São Paulo, entre 2018 e 2019, este artigo investiga aspectos gerais desta modalidade de ensino técnico profissionalizante na realidade profissional e acadêmica brasileira. Os trabalhos de campo da pesquisa valeram-se de entrevistas semiestruturadas em profundidade com coordenadores, professores, alunos e ex-alunos; observações diretas de aulas e análises da linguagem visual de trabalhos de alunos. Resultados sugerem que tal ensino teria potencial de promover efetiva ampliação de horizontes culturais, vocacionais e profissionais, servindo, em alguns casos, de estímulo à continuidade da formação em âmbito universitário.

Palavras-chave: Pedagogia de design para jovens – Ensino não universitário de design – Ensino técnico de design – Ensino de design gráfico.

[Resumos em inglês e espanhol na página 135]

Introdução

A temática do ensino de design no Brasil tem gerado debates e reflexões acerca de sua peculiaridade. No país, a atividade de design gráfico, como uma das subáreas de conhecimento do design, é ensinada em nível universitário e, também, no chamado “ensino técnico”. Esta modalidade de ensino, de teor vocacional, é enquadrada no nível médio dos sistemas educativos, referindo-se à educação realizada em escolas secundárias ou instituições que conferem diplomas profissionais. Voltada para alunos, em geral, mais jovens, com cerca de 16 anos, caracteriza-se por ser uma formação não tão aprofundada teoricamente como o nível superior, possuindo um sentido mais pragmático, orientada para rápida integração do aluno no mercado de trabalho.

Por esta perspectiva, os cursos técnicos profissionalizantes de design gráfico, denominados “Técnico em Comunicação Visual”, propõem desenvolver, segundo diretrizes do Ministério da Educação do Brasil (MEC), a capacidade de criação de uma variedade de projetos que demandam uma diversidade de competências e saberes, tais como: identidade visual de empresas, embalagens, anúncios para mídia impressa e digital, projetos editoriais de livro e revista etc. (MEC, 2000).

Se, historicamente, cursos técnicos são vistos como formação menor, evidenciada pela estrutura do ensino brasileiro – de um lado, a formação propedêutica responsável pela formação geral e, de outro, a formação técnica profissional, correspondendo à formação específica (Ferretti, 2006) –, a ênfase na prática é um diferencial do ensino técnico, que, por meio da utilização de laboratórios de ensino, possibilita aos alunos maior interação com a teoria (Scacchetti, 2013).

Pressupõe-se, nesta investigação, que a modalidade técnica de ensino possua especificidades próprias, que a diferencia do ensino em âmbito universitário. Neste sentido, o presente trabalho apresenta parte dos resultados de uma pesquisa de mestrado, na modalidade

de estudo de reconhecimento, sobre o cenário, em 2018 e 2019, do ensino técnico profissionalizante de design gráfico ou comunicação visual na cidade de São Paulo. Os Trabalhos de campo da pesquisa desenvolveram-se por meio de entrevistas semiestruturadas em profundidade com coordenadores, professores, alunos e ex-alunos, sobretudo, em duas das dez escolas técnicas de design gráfico em atividade, uma da rede Etec e em um curso do Senac-SP. Devido à restrita bibliografia a respeito do tema abordado, priorizou-se o levantamento de dados primários, totalizando 38 entrevistas. Empregou-se, complementarmente, a técnica de observação direta de aulas e análises gráficas e semióticas da linguagem visual de trabalhos de alunos. Assim, este artigo, em que se oferece uma reflexão mais conceitual, com característica de ensaio, restringe-se à aspectos mais gerais intrínsecos à natureza do ensino técnico de design gráfico.

Desenvolvimento

Os resultados mais gerais da pesquisa selecionados para este artigo apontam quatro aspectos principais: a) objetivos e ideários do ensino técnico de design gráfico; b) papel percebido do ensino técnico na atividade profissional do design; c) relação entre ensino técnico e ensino superior de design gráfico e de áreas afins; d) antevisões de propostas pedagógicas verbalizadas como ideais.

Objetivos e ideários do ensino técnico de design gráfico

Uma professora da rede de ensino Etec, comentando a viabilidade de se ensinar design para jovens, informou a importância de: “. . . conseguir que ele entenda a área, que tenha todo o repertório que precisa, porque é uma

área muito ampla. . . . mas ele vai ter várias disciplinas depois, . . . que vão habilitar pr'a diversas áreas". Esta fala sugere que o objetivo do Curso seria, a princípio, formar repertório da área da comunicação visual para, posteriormente, criar e executar projetos gráficos. Quanto a isto, mencionou a proposta de um projeto gráfico, desenvolvido em grupo: "A gente trabalha bastante aqui com o projeto interdisciplinar 'Revista'. Ela é digital e impressa. Porque o aluno, tudo o que ele viu lá em composição no 1º módulo, toda a teoria que ele viu, ele aplica na hora de diagramar uma página". Isto sugere que um dos objetivos do Curso seria proporcionar vivências similares ao que os alunos iriam encontrar no mercado de trabalho, capacitando-os a trabalharem em equipe com pessoas de diferentes especialidades.

Por sua vez, uma professora da rede de ensino Senac, com respeito aos propósitos, informou que: "O foco do Curso é [o de] formar profissionais pr'a área, incluso a parte de atitude, valores, o comportamento no mercado de trabalho" e, quanto aos alunos, ". . . alguns querem mudar de área, gostou de design, aí, eles vêm fazer o curso. . . .". De modo análogo, outra professora informou que o Curso visa a conferir autonomia criativa e profissional mais ampla a seus formandos. Para ela, "O Curso objetiva formar profissionais. Essa iniciação geral vai do estado de espírito de quem 'tá na aula. Nós ensinamos pr'a que o cara seja contratado em algum lugar e assuma . . . que é um designer". Acrescentou perceber diferenças entre os alunos que procuram as aulas. Segundo ela: "Tem esses que vem pr'a saber como é que é, ter uma noção geral ou que 'tá, por exemplo, fazendo uma graduação em marketing e gostaria de saber um pouco mais sobre criação pr'a poder defender suas ideias ou amparar a turma de criativos". Este trecho do seu depoimento parece indicar que nem todos os alunos se destinariam ao mercado de trabalho especificamente de design.

Papel percebido do ensino técnico na atividade profissional do design

Com respeito à atribuição percebida do ensino técnico no ofício profissional do design, um professor da Etec mencionou que seria a base para o aluno obter noções mais elementares, com ênfase na prática. Segundo ele, "A prática vai ser a mola propulsora pr'a ele estar entrando no mercado de trabalho. . . . mesmo ele tendo uma teoria rasa, quando ele vai pr'o curso superior, ele acaba tendo contato com a teoria complexa, então, isso melhora o que ele aprendeu na prática". Este relato pressupõe que o curso técnico, apesar de não se aprofundar em questões teóricas, proporcionaria habilidades práticas ao aluno, possibilitando-lhe acesso ao mercado de trabalho, sugerindo que, ao ingressar no ensino superior já tendo vivenciado a prática, ele potencialmente compreenderia a teoria mais facilmente.

Relativo à estruturação do programa do curso técnico profissionalizante de design gráfico, uma professora do Senac informou que seria dividido em quatro qualificações técnicas: ". . . alguns se identificam mais com embalagens, outro mais com editoração, outros com

diagramação, cada um pode [se] especializar em uma área diferente. Mas tem alunos que conseguem a vaga de trabalho fazendo o 'técnico', conseguem entrar na área". Analogamente, outra professora também relatou que o Curso havia se desmembrado. Para ela, ". . . o Curso foi segmentado por falta de tempo das pessoas. Para as pessoas tentarem conseguir um emprego com um curso de qualificação". Estas declarações sugerem que a estruturação do currículo e a possibilidade de cursar uma qualificação técnica específica, mais especialmente relacionada aos interesses de cada aluno, favoreceria sua inserção no mercado de trabalho.

Por outra perspectiva, uma igualmente professora valorizaria a dimensão social do ensino técnico de design gráfico na atividade profissional do design. De acordo com ela: "Você começa a objetivar as formas de uma maneira mais assertiva. Você melhora a sua casa, é comunicação, é mensagem. Então, melhora a forma de você se expressar para o mundo. Atende à necessidade do outro, porque você é coautor". Esta afirmação sugere compreensão da abrangência do ofício do design, visto como atividade transportadora, capaz de intervenções positivas na realidade, sobretudo quando o designer se volta para projetar soluções com preocupações sociais.

Relação entre ensino técnico e ensino superior de design gráfico e de áreas afins

Comparando o ensino técnico e ensino superior de design gráfico, uma professora afirmou que: ". . . a faculdade é muita teoria". Para ela, "Você aprende, em detalhe, todos os teóricos, toda a evolução e, no 'técnico', você adapta a área. Você procura trazer elementos lá da comunicação pr'a área de design gráfico, você, de uma certa maneira, tenta trazer pr'o lado prático". Enfatizou, ainda, que o foco na modalidade técnica seria a execução de projetos e que os alunos já ingressariam com espírito de produção. Este trecho sugere que parte significativa de alunos de cursos técnicos profissionalizantes de design gráfico assimilariam mais facilmente conceitos durante o processo de desenvolvimento de projetos.

A este respeito, uma ex-aluna apontou diferenças de abordagem em projetos de design nos dois ensinamentos. Segundo ela, "No [curso] 'técnico', era uma coisa rápida. Era mais: execute, execute! . . . [Na faculdade] é totalmente diferente. Pensa-se muito mais antes de sair fazendo. Tem a pesquisa antes, tem um preparatório. Projeto de design teórico, um pouco de história". Similarmente, outra ex-aluna mencionou a percebida ênfase em projetos de design em sua faculdade. Para ela: ". . . focam bastante em metodologia de projeto, que é uma coisa que eu não tive no 'técnico'. Por semestre, cada professor fala do projeto em si, a metodologia que a gente vai seguir". Estas declarações parecem indicar que a valorização do aparato metodológico característico do campo do design – por exemplo, a disposição preliminar disciplinada aos alunos das diferentes fases de projeto, assim como a forma como elas se articulam sequencialmente –, apenas ocorreria no domínio do ensino superior, não alcançando o estágio dos cursos técnicos.

Outro professor declarou que no curso técnico a aula é prática e no curso superior é teórica e que o conteúdo prático do ensino superior seria o mesmo que do ensino técnico. Comentou, também, que o ensino superior deveria estar relacionado a outras questões, como iniciação científica, licenciatura e pesquisa, já que: “O técnico é quem bota a mão na massa” e lamentaria o fato de o país não valorizar isto, evidenciando a disputa de mercado em que o ensino superior assumiria a prática profissional que seria do ensino técnico. Ainda, de acordo ele, o currículo do ensino técnico possibilitaria ao aluno disputar campos na área do ensino superior por competência e então, caso se valorizasse competência e não título, muita gente do ensino técnico seria absorvida pelo mercado.

De maneira complementar, um igualmente professor relatou que, no período em que atuou no ensino superior, as aulas que preparava para a faculdade eram as mesmas que ministrava no curso técnico. Segundo ele: “Os alunos que não trabalhavam, iam muito mais sem saber o que fazer da vida no [ensino] ‘superior’. Eu não sei se a gente dá a base e, aí, ele vai p’ra faculdade com esta base e consegue interagir com o conteúdo de lá”. Sua fala pressupõe que cursos de nível técnico de design gráfico possibilitariam aos alunos adquirirem noção mais completa a respeito de conteúdos e habilidades intrínsecas à área, minimizando eventuais desapontamentos na formação universitária e profissional.

Outro ex-aluno, comparando o curso técnico de design gráfico e a graduação em arquitetura, apontou semelhanças de abordagem. Para ele, “No geral, a gente tem muita experimentação na graduação, caráter experimental de várias disciplinas, de vários exercícios, é uma marca que eu sinto aqui [faculdade] e no ‘técnico’ eu sentia a mesma coisa. . . .

Experimental no sentido de tentativa e erro”. Esta fala parece indicar que em ambos os cursos, possivelmente por serem áreas com foco em projetos, as experimentações seriam incentivadas. Em termos de pesquisa, informou ser diferente. Segundo ele, “Os instrumentos que a gente usava de pesquisa no ‘técnico’ era, na época, internet. Hoje, eu faço busca no arquivo histórico municipal, fonte primária, . . . circulo em várias bibliotecas, coisas que, no ‘técnico’, era inconcebível”. Tal segmento pressupõe que em cursos técnicos, talvez em função do encurtamento do tempo para execução de atividades e de dificuldades de deslocamento, a internet seria a alternativa mais apropriada. Além disto, o nível de exigência e de complexidade dos trabalhos na graduação demandariam investigações mais aprofundadas e, conseqüentemente, outros materiais e meios de pesquisa.

Outra também professora enfatizou a percebida similaridade de conteúdos do ensino de nível técnico e do superior, bem como desigualdade de tempo para a realização de atividades: “Eu acredito que ele não fica atrás de maneira nenhuma de uma graduação superior porque, querendo ou não, esses elementos curriculares são os mesmos. A gente só não tem o tempo de práxis p’ra exercícios, por conta da carga horária”. E acrescentou: “A identidade criativa é um tempo que dá p’ra se realizar. Mas é bem menos tempo que uma graduação, então, olha

a responsabilidade que a gente tem que ter enquanto docente de, em menos tempo, manter uma qualidade de convivência no grupo”. Tal preocupação sugere visão de que o fator tempo, percebido como mais restrito, influenciaria outras esferas, inclusive a da interação social entre os participantes dos processos pedagógicos.

Antevisões de propostas pedagógicas verbalizadas como ideais

Quanto a um especulado modelo de curso ideal, um professor informou não achar necessária nenhuma mudança, ao declarar: “O curso atual acho ideal do jeito que foi estruturado”. Já outra professora destacou a importância da colaboração de pessoas ativamente relacionadas ao ensino. Segundo ela, “. . . chamaria professor, quem já foi professor, aluno, ex aluno, quem sabe o que ‘tá falando p’ra elaborar. E não há pedagogos, psicólogos e quem monta material fora. . . . Colocaria muita coisa de processos manuais com os tecnológicos”. Este ponto de vista pressupõe crença de que alguns especialistas mais teóricos, normalmente responsáveis por elaborar propostas pedagógicas, não seriam os mais indicados para a tarefa de planejar cursos técnicos de design gráfico – supostamente mais aperfeiçoados –, por não vivenciarem diretamente o ensino na área do design; além disso, percebe-se valorização de abordagens mais sensoriais, empíricas, do tipo “mão na massa”.

Ainda, segundo esta professora, haveria mérito em promover flexibilização do percurso formativo do aluno: “. . . se eu tivesse essa possibilidade, . . . eu também incluiria fazer as competências de acordo com o que o aluno quer fazer, com o tempo que quer fazer. Cada um construiria sua própria formação”. Isto sugere preferência por propostas pedagógicas menos rígidas, que promovam maior autonomia dos alunos. Quanto aos objetivos mais amplos do ensino, declarou que: “. . . tem que continuar com coisas reais, envolvimento com a sociedade. Mas eu bateria muito em devolver essa parte de educação p’ra sociedade de alguma forma. Todo o projeto tem que ter uma proposta de como você vai ensinar alguém também”. Esta afirmação parece alinhada com o entendimento da importância de multiplicar-se conhecimento por meio de projetos que incluiriam o universo pedagógico.

Outra professora também informou sua preferência pela dimensão mais empírica dos materiais no ensino: “Eu ia fazer uma Bauhaus e uma Escola de Ulm de novo. Seria algo a partir dos materiais. O trabalho inicial vocacional p’r’as linhas criativas. . . . você começa a se deleitar por algo que seja mais próximo da sua identidade. Depois vem os desafios”. Seu relato pressupõe intenção de promover, de início, uma sensibilização a partir de abordagens mais empíricas e sensoriais com sentido, sobretudo, indutivo (mais em linha com a Bauhaus, em realidade, do que, propriamente, com a HfG Ulm). Destacou, ainda, a importância de exercitar, nos alunos, o repertório criativo em âmbito essencialmente analógico, do instrumento em contato direto com o suporte. Para ela, “A parte digital teria que abandonar, um pouco, e ir p’r’o papel, p’r’o chão, p’r’o grafite, p’ra parede. Começar pensando no

primitivismo, processo clássico, ordem, depois, neste momento das trevas, tudo trazendo p'ra soluções que vão atender às mídias de hoje". Este segmento sugere o propósito de proporcionar aos alunos várias vivências criativas, com base em movimentos artísticos e técnicas diversas, trazendo-os, ao mesmo tempo, para o universo das criações contemporâneas. Além disto, pressupõe preferência por métodos e processos de projeto que evidenciarão a forma de representação, seja manual, impressa ou digital.

Ainda, em relação ao processo propedêutico de formação de repertório e referências, a mesma professora acrescentou: "... vai p'r'o funcional, dentro de casa, simples. Já é século XX. . . . Depois que você pegou esse repertório todo de criação, mais fluídico, mais livre, que vai se identificando, começam os projetos pessoais. Depois vem o mercado. Começa o desafio de fora". Esta visão parece valorizar abordagens de contextualização prévia, até com caráter histórico, com o propósito de induzir o processo criativo mais específico da área do design, visando, de início, formação de repertório para, somente depois, expô-los a demandas atuais do mercado. Tal abordagem pedagógica parece refletir, em certa medida, a característica dos cursos técnicos profissionalizantes de design gráfico que dão ênfase neste aspecto de constituição prévia de repertório para subsidiar atividades de projeto.

Conclusão

Em síntese, os dados analisados sugerem que o objetivo principal dos cursos técnicos profissionalizantes de design gráfico seria o de capacitar os alunos para rápido ingresso no mercado de trabalho. Já os objetivos dos alunos variariam, principalmente, entre descobrir possível afinidade com o design gráfico, desejo de entrar na carreira profissional do design, ou, ainda, utilizar os conhecimentos do design em outras atividades que desempenhem.

De modo geral, os conceitos expostos aos alunos apresentariam caráter introdutório, percebendo-se maior predisposição de parte significativa dos alunos para o aprendizado de conteúdos teóricos durante o desenvolvimento de projetos. Neste sentido, a teoria complementaria a formação mais prática. Em relação aos exercícios de projeto, notam-se lacunas metodológicas e conceituais relativamente acentuadas na formação do ensino técnico, bem como preferência por propostas pedagógicas de projeto menos rígidas, que possibilitem maior autonomia dos alunos, com foco na dimensão mais empírica dos materiais, com sentido, sobretudo, indutivo.

Salienta-se, complementarmente, a existência de paralelos entre os conteúdos ministrados no ensino técnico e os dos cursos de graduação de nível superior de design e áreas afins, com distinção, porém, quanto ao grau de aprofundamento, até mesmo, em função da maturidade do corpo discente e da carga horária mais reduzida da modalidade técnica. Destaca-se, ainda, o percebido empenho de parcela expressiva dos docentes quanto a conscientizar seus alunos para a dimensão da atividade do design, até mesmo quanto a sua inserção sócio profis-

sional. Por fim, considera-se que o ensino técnico profissionalizante de design gráfico teria potencial de promover efetiva ampliação de horizontes culturais, vocacionais e profissionais, servindo, em alguns casos, de estímulo à continuidade da formação em âmbito universitário.

Referências

- Barbosa, R. (1882). *O desenho e a arte industrial*. Recuperado de http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/artigos/rui_barbosa/FCRB_RuiBarbosa_O_Desenho_e_a_ArteIndustrial.pdf
- Dinelli, M. B. S. (2020). *Ensino técnico de design gráfico na cidade de São Paulo* (Dissertação de mestrado). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.
- Ferretti, C. J. (2006). As escolas técnicas se salvaram. *Difusão de ideias*, 1-5. Recuperado de http://www.fcc.org.br/conteudos-especiais/difusaoideias/pdf/entrevista_escolas_tecnicas.pdf
- Ministério da Educação. (2000). *Educação profissional: referências curriculares nacionais da educação profissional de nível técnico, área profissional: design*. Brasília. Recuperado de http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/design_ref.pdf
- Scacchetti, F. A. P. (2013). *Motivação e uso de estratégias de aprendizagem no ensino técnico profissional* (Dissertação de mestrado). Centro de Educação, Comunicação e Artes, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR, Brasil.

Resumen: A partir de un estudio de reconocimiento de la enseñanza del diseño gráfico en escuelas técnicas de São Paulo entre 2018 y 2019, este artículo investiga aspectos generales de este tipo de enseñanza técnico profesional en la realidad profesional y académica brasileña. El trabajo de campo de la investigación utilizó entrevistas semiestructuradas en profundidad con coordinadores, profesores, alumnos y exalumnos; observaciones directas de las clases y análisis del lenguaje visual de los trabajos de los alumnos. Los resultados sugieren que este tipo de enseñanza tiene el potencial de ampliar eficazmente los horizontes culturales, vocacionales y profesionales, sirviendo en algunos casos de estímulo para continuar la formación a nivel universitario.

Palabras clave: Pedagogía del diseño para jóvenes - Enseñanza no universitaria del diseño - Enseñanza del diseño técnico - Enseñanza del diseño gráfico.

Abstract: Based on a reconnaissance study on the teaching of graphic design in technical schools in São Paulo between 2018 and 2019, this article investigates general aspects of this type of technical vocational education in the Brazilian professional and academic reality. The research fieldwork used in-depth semi-structured interviews with coordinators, teachers, students and alumni; direct observations of classes and analysis of the visual language of student work. The results suggest that such teaching has the potential to effectively broaden cultural, vocational and professional horizons, in some cases serving as a stimulus to continue training at university level.

Keywords: Design pedagogy for young people - Non-university design education - Technical design education - Graphic design education.

(*) **Maria Beatriz Saraiva Dinelli:** Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Design da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, em 2020, com pesquisa voltada para o ensino de design gráfico em escolas técnicas na cidade de São Paulo. Graduou-se em comunicação visual na Faap, Fundação Armando Álvares Penteado, em São Paulo, em 1986. Possui especialização

em design gráfico pelo Instituto Lorenzo de' Medici, Florença, Itália (1987). Possui experiência no magistério de design gráfico no âmbito de cursos técnicos com ênfase no ensino de projeto. Atuou em escritórios de design desenvolvendo projetos variados (identidade visual, design editorial, design de embalagem, entre outros).

Design de acolhimento, um caminho para inclusão na Educação Infantil

Maria Lúcia Espanhol y Jackeline Lima Farbiarz (*)

Actas de Diseño (2024, julio),
Vol. 46, pp. 136-138. ISSN 1850-2032.
Fecha de recepción: julio 2021
Fecha de aceptación: mayo 2023
Versión final: julio 2024

Resumo: Esse artigo é parte da dissertação de mestrado apresentada em abril de 2021, que buscou relacionar a abordagem Design em Parceria com o cotidiano escolar da Educação Infantil e modos de incluir crianças com autismo. A partir da análise das ações pela abordagem da Sociolinguística Interacional evidenciou-se a convergência do acolher – conhecer – experimentar como um caminho para a inclusão na Educação Infantil.

Palavras-chave: Design em Parceria – Design de Acolhimento – Inclusão – Autismo.

[Resúmenes en inglés y portugués en la página 138]

Este artigo apresenta pontos que conectam a abordagem metodológica Design em Parceria às práticas que acontecem diariamente nas escolas de Educação Infantil, visando reconhecer as ações de professores, mediadores e demais atores para a inclusão de crianças com autismo. O percurso da pesquisa teve como eixo central a observação, a escuta, a troca, o fazer com o outro, fundamentado pela abordagem Design em Parceria. Essa perspectiva tem a premissa de projetar com, e acontece na relação do designer com o outro em todas as etapas do processo metodológico em um projeto de design, (Araújo, Côrtes e Farbiarz, 2020), compreendendo que as ações para construção de um objeto/recurso/sistema partem dos lugares a partir do qual olhamos, que são singulares e únicos, em suma, o fazer Design em Parceria é uma interação entre “eu” e o “outro” (Farbiarz e Ripper, 2014). A abordagem do Design em Parceria é desenvolvida em etapas que ocorrem organicamente com o parceiro, não é um método rígido, é um processo vivo que compreende: a escolha e contextualização do ambiente, a produção de experimentos, a conceituação e desenvolvimento dos experimentos, e, por fim a construção e observação de uso (Araújo, Côrtes e Farbiarz, 2020).

As vivências da pesquisadora com as crianças e as professoras no contexto escolar aconteceram em 2019. Em um diário de bordo foram relacionadas todas as situações de interação face a face que envolviam os atores principais: um menino não verbal, com dificuldades de interação social, diagnosticado com autismo e

outro menino com dificuldades de comunicação sendo investigado ainda o atraso na fala, ambos com 3 anos de idade.

No decorrer da pesquisa a pandemia impossibilitou a continuidade de estar em ação junto com as crianças e as professoras na escola de Educação Infantil. Um caminho encontrado para continuarmos o diálogo foi a dinâmica World Café, sendo o objetivo principal uma conversa informal, um compartilhamento de vivências a respeito da educação inclusiva. A escolha da dinâmica World Café se deu por ser uma metodologia criativa que viabiliza uma rede viva de diálogos em torno de questões importantes para a sociedade ou pequenos grupos sociais, um modo de compartilhar conhecimentos e pensar juntos futuros possíveis (Brown e World Café Community, 2002). A dinâmica pensada para ser feita em um ambiente descontraído de um bar ou café foi adaptada para o ambiente virtual, onde o grupo se reuniu para conversar sobre o tema como uma forma de estar próximo apesar da distância.

As ações registradas na vivência em campo e também abordadas na dinâmica World Café, foram categorizadas em seis enquadres. De acordo com Tannen e Wallat, ([1987] 2013, p. 188) “a noção interativa de enquadre se refere à definição do que está acontecendo em uma interação, sem a qual nenhuma elocução (ou movimento ou gesto) poderia ser interpretado”. Posteriormente, cada ação teve seu alinhamento identificado, ou seja, “a postura, a posição, a projeção do eu de um participante